

## UM LIVRO SOBRE O AMOR SAPATÃO: MEMÓRIA E CELEBRAÇÃO

**Antonia Marília dos Santos Oliveira**

*Antonia Marília dos Santos Oliveira é doutoranda em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará – UFC.*

### 1. Introdução: por que *Um livro sobre o amor sapatão*

**L**ancei, em setembro de 2020, meu quarto fotolivro, “Um livro sobre o amor sapatão”, em que reúno fragmentos visuais das histórias de seis casais em uma narrativa sobre o ordinário da experiência amorosa cotidiana sapatão. Convidei cinco casais de sapatonas para que me enviassem imagens diversas – fotografias, desenhos, bilhetes, cartas, pinturas – que juntei às fotografias realizadas ao longo dos três anos de relacionamento com minha companheira. Contar uma história de amor entre mulheres – e explicito aqui que essa história é sobre mulheres cis e transgênero – envolve sobretudo compreender a pluralidade que a palavra sapatão contempla: estar sob um guarda-chuva polifônico que a cisgeneridade e a branquitude não comportam. Foram produzidos 500 exemplares distribuídos gratuitamente e *Um livro sobre o amor sapatão* ainda está em circulação e aguardando o fim da pandemia para novos lançamentos. Este texto é sobre a experiência de elaboração de um fotolivro que é memória coletiva, festa e celebração.

Ainda que pertencentes a um mesmo grupo, considero pertinente traçar diferenças, tendo em conta que o termo sapatão pode apagar muitas de nós, assim como “mulher” é uma categoria universalizante que remete às brancas cisgênero heterossexuais – as mulheres negras, as sapatonas, as mulheres trans deixadas de fora do que significa ser mulher. Por estes e outros motivos não é possível elaborar uma narrativa sobre o amor sapatão nem posso ser eu a que enuncia

sozinha o que significa ser uma nordestina sapatão; por estes motivos convido casais distintos para me contarem de suas experiências amorosas e, assim, conto um compilado de histórias, um novelo amoroso de atravessamentos e distensões diversas, um emaranhado de visuais acolhedoras sobre o amor entre mulheres cis e trans, brancas e negras, gordas e magras.

Sou sapatão branca cearense com passabilidade alta, nasci no interior do Ceará e pertenço à primeira geração das duas famílias – de pai e de mãe – que teve acesso à graduação, mestrado e, agora, doutorado. Sou parte da primeira geração que manteve todos os dentes porque teve acesso odontológico, que viajou de avião e que estudou em colégio particular. Sendo assim, não preciso caminhar muito para compreender que, mesmo lésbica, tenho alguns privilégios que me atravessam desde a infância. E apresento-me desse jeito porque sei que, quando escrevo agora para vocês, sapatões como eu, são só algumas de vocês que me ouvem, que me leem. Isso porque o discurso acadêmico é excludente por si só, porque estou distante, em alguma medida, do cotidiano das sapatonas com deficiência, das sapatonas moradoras da periferia, das caminhoneiras, das sapatonas pretas, indígenas, trans – porque mesmo caminhando com vocês não posso falar por vocês e, quando falo, sei que é impossível esquecer que é como mulher branca cis que falo, porque não há uma “sapatão universal”.

Produzo um fotolivro sobre nossos amores e agora escrevo a vocês porque compreendo (e compartilho) a sensação de não caber, de não poder existir, de não ter no horizonte visual ninguém em quem se inspirar, porque cresci rodeada pela heterossexualidade, compulsória e doentia, para onde quer que olhava. Porque cresci achando que era aberrante e desviante ser quem eu sou, porque nunca houve um desenho animado, uma comédia romântica ou um hit de sucesso na minha infância e adolescência que falasse sobre ser sapatão. Falo de amor sapatão agora porque, durante o ensino médio, todos os alunos da minha turma pararam de falar comigo quando alguém espalhou na escola que eu havia beijado na boca uma amiga, no corredor de uma loja de departamentos no centro de Fortaleza. Enchi-me de ódio. Ameacei bater em quem tinha espalhado essa história. Quase sofri medidas disciplinares por constranger alunos tentando descobrir quem havia dito isso de mim. Entendo hoje que a maior raiva era a de saber – ou pressentir – o que me esperava quando, enfim, assumisse publicamente minha lesbianidade: perderia os amigos, me tornaria

alvo de violência, piada e escárnio, teria que esconder dos meus pais quaisquer conflitos e estaria por minha própria conta. Eu tinha 15 anos e entendia, ali, que nada poderia me defender de mim mesma e do que me estava reservado.

## 2. A escrita da margem

Produzi esse livro pelo mesmo motivo pelo qual escrevo a vocês, sapatonas como eu: para fazer caber nas escritas e nos fazeres da academia o que é nossa experiência de vida – e cabe. Cabe como embaixo do lençol que a heteronorma joga sobre nós cabe o corpo encarnado – tanto cabe quanto transborda. Cabe porque somos sujeitas de epistemologias e subjetividades próprias; cabe e se avoluma, como volumoso é o corpo que desponta da sombra do silenciamento e se anuncia como se anuncia a calça vermelha na imagem, único ponto rubro em uma fotografia de tons pasteis. Um livro sobre o amor sapatão existe e escrevo agora neste tom quase epistolar, quase uma carta de amor às sapatonas como é de amor o fotolivro que produzi pelo mesmo motivo: porque “a linguagem é também um lugar de luta” (HOOKS, 1990).

Quando falo às sapatões que me escutam falo para mim mesma, e elaboro Um livro sobre o amor sapatão porque somos todas pertencentes a este grupo à margem e, neste exercício contínuo que é a vida sapatão, conseguimos entender a potência, a força e a fartura da borda, da fronteira, do limite entre o dentro e o fora que é o espaço fronteiro para onde nos lançamos por sermos sapatões. A margem é espaço de abertura radical (HOOKS, 1990), ela acende e aviva em nós a capacidade de resistência às opressões. Viver na margem, escrever da margem, construir conhecimentos a partir da margem nos ensina sobre imaginar mundos alternativos e criar novos discursos (KILOMBA, 2019). Além do mais, apenas corpos que viveram à margem e que sofreram em sua carne a opressão pela abjeção e pela dissidência – de orientação sexual, de gênero, de raça – conseguem construir em si mecanismos de defesa e de combate que emergem especificamente da fragilidade que habitamos (MOMBAÇA, 2016).

É neste movimento de compreender nosso lugar diante das violências da heteronorma que nos convocamos, nós mesmas, a sermos quem nos tornamos. Escolher ante a encruzilhada: responsabilizar os outros e tornar-me vítima – o pai que me expulsou de casa, os amigos

que me rejeitaram, o mundo que me violentou – ou assumir o controle e a responsabilidade por minha (nossa) própria força. Em alguma medida, esse é um texto convocação, assim como é o fotolivro uma cocriação: “Quero a liberdade para talhar e esculpir minha própria cara, estancar a hemorragia com cinzas, fabricar meus próprios deuses com minhas entranhas” (ANZALDÚA, ANO, p. 64).

Daqui escrevo pra outras sapatonas, com Um livro sobre o amor sapatão entre as mãos, para dizer que nossa experiência no mundo é, sim, material possível de ser historicizado, é memória, potência e pulsão de vida e de trabalho, possibilidade de sistematização de conhecimento. Não a memória falida de quem quer retornar a algo, de quem sonha com um passado impossível. Não o retorno a uma casa que nos expulsa e que não existe mais. Memória fabricada no agora-já de nossas existências, talhada na nossa própria cara, como diz Alzandúa, memória do corpo que sabe (ROLNIK, 2013), que burila agora esse material frágil e gracioso que é a vida sapatão.

No que diz respeito à “agência histórica das mulheres”, eu queria, precisamente, sugerir que o modelo de vítima é insuficiente; que existe uma história da agência e das escolhas das mulheres que desafiou realmente alguns aspectos da supremacia masculina; que, como a supremacia masculina, podem ser encontradas em muitas culturas diferentes. (RICH, 2019, p. 94)

Além de Rich, Jota também nos fala da importância de abandonarmos esse lugar da vítima: o mundo e sua economia de poder e violência dizem quais corpos servem como agência da violência e quais existem para serem violentados, o mundo tal como é estruturado quer nos matar e isso é fato, partimos disso e daí seguimos, criando nossas estratégias de violência redistribuída, nossas formas de sobreviver e de implodir o mundo. “Redistribuição da violência é uma demanda prática quando estamos morrendo sozinhas e sem nenhum tipo de reparação” (MOMBAÇA, 2016, p.10). Escrevo, então, também pra dizer que sou muito boa de briga e que, como Jota/MC Katrina, “sou passiva, mas meto bala”<sup>1</sup>. Desse lugar, que é meu no nosso grupo

1 “Eu sou passiva, mas meto bala” é o primeiro single do projeto de Jota Mombaça Pop Guerrilha/MC Katrina e pode ser ouvido aqui: <https://soundcloud.com/popguerrilha/eu-sou-passivamas-meto-bala>.

polifônico, brigo com vocês qualquer briga possível. Daqui ficciono o poder pra nós, invento jeitos de nos defendermos e de escaparmos cada vez que tentam nos aprisionar de novo na redoma heteronormativa que o patriarcado usa como armadilha. Escrevo, fotografo, lanço livro e grito na rua pra dizer que não darei um segundo de paz ao homem branco cisgênero. Que em todo lugar que eu entrar por ser uma sapatão branca farei doer os ouvidos dos brancos dizendo dos nossos privilégios e da nossa obrigação restitutiva, que em todo lugar que eu entrar por ser uma sapatão cis passável lembrarei que as sapatonas caminhoneiras, as sapas trans e as sapas não binárias também entrarão, se assim quiserem.

Quando Jota Mombaça<sup>2</sup> discorre sobre a criação pelo erro, entendo que sou eu mesma fruto desse aprendizado. Eu, sapatão cearense, sou a prova de que o engano e o desvio no mundo podem frutificar, crescer e tornar-se um forte, sólido e farto equívoco, feliz de ser assim, inscrita na via subalterna e no fracasso do projeto preparado para nós. Jota escreve sobre deslealdade à norma, e sinto nossa existência tocada por suas palavras. Nós, que estamos sempre diante do abismo. Nós, que somos a vergonha de nossos pais e a ausência dos álbuns de família. Nós, que fomos expulsas de casa e que nos perguntamos “quantas vezes será preciso partir novamente viajar para encontrar um lugar onde viver” (WITTING, 2019, p.129).

É por isso que existe Um livro sobre o amor sapatão: porque erradas, porque a vergonha de famílias que nos excluem de suas comemorações cristãs, porque expulsas de casa, porque escondidas em um armário claustrofóbico para falar de amor. Porque nos comprimiram ao erro, mas dele partimos para o que extrapola e para o que transgredir, para o que ri e acena de longe, enquanto caminha com o vento na cara e o passado nas costas.

Quando pensava sobre como elaborar gestos artísticos sobre o amor sapatão uma amiga me disse que estava editando um vídeo de bodas de ouro de um casal heterossexual e eu chorei pensando que nunca vi um casal lésbico fazer cinquenta anos de casadas. E decidi ali, chorando por me sentir apartada das minhas, que era por esse desejo imenso de ver casais de sapatonas sendo felizes que convidaria

---

2 Refiro-me ao artigo “Rastros de uma submetodologia indisciplinada”. concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

cinco casais a contarem comigo sobre o ordinário e o macio acolhedor cotidiano do amor sapatão. Muitas de nós já fizeram cinquenta anos de casadas, mas estivemos tão separadas umas das outras pelo véu de cegueira e vergonha que os cisheteropatriarcado joga sobre nós que não conseguimos nos enxergar umas às outras, tantas vezes, ao longo de nossas histórias individuais. A heterossexualidade, como instituição política (RICH, 2019, p. 42) promoveu sistemáticos apagamentos de e em nossas existências.

A existência lésbica compreende tanto a quebra de um tabu quanto a rejeição de um modo de vida compulsório. Também é um ataque direto ou indireto ao direito dos homens de acesso às mulheres. Mas é mais do que isso, embora começemos a percebê-lo primeiro como uma forma de dizer não ao patriarcado, um ato de resistência. Isso incluiu, claro, o isolamento, o ódio a si mesmas, crises, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres; romantizamos por nossa própria conta e risco o que significa amar e agir contra a corrente, e com pesadas punições; e a existência lésbica tem sido vivida (ao contrário, por exemplo, da existência judaica ou católica) sem acesso a qualquer conhecimento de uma tradição, uma continuidade ou um esteio social. (RICH, 2019, p. 65-66).

Destruir, ao longo da história, os rastros de nossa existência enquanto comunidade e enquanto sujeitas de memória, nossos registros e nossa passagem pelo mundo é uma das formas pelas quais a heteronorma se impõe a nós e tenta nos destituir de nossa humanidade, nos apagar. Crescer sapatão é, para as lésbicas da minha geração, não saber sobre quem veio antes de nós e sobre quem, concomitante a nós, enfrenta o mundo e se situa nessa guerra que foi travada contra tudo que representamos: a recusa ao patriarcado, a dissidência ao que envolve o genérico termo “mulher” – e não foi a sapatão Monique Wittig que disse que a lésbica não é uma mulher?<sup>3</sup> –, o fomento de outros modelos de família que não a heterossexual, que nos expulsou e nos prescindiu.

3 Refiro-me ao texto “Ninguém nasce mulher”, de Monique Wittig, escrito em 1970 e disponível em <https://we.riseup.net/sapafem/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-monique-wittig>

Apesar e a despeito disso tudo, nos encontramos e formamos nossas comunidades. Descobrimos que nossa existência é secular e que nossas ancestrais sapatonas existiram e fortaleceram o mundo que cuidou de nossa chegada. E é por isso que escrevo para vocês e para vocês preparei este fotolivro, sapatonas como eu e diferentes de mim, sapatonas cis, trans e não binárias, sapatonas indígenas, brancas, negras, orientais, sapatonas que se enxergam e se intitulam e se localizam no mundo de tantos modos distintos e ainda assim, sapatonas. Porque não traímos nossas famílias e nossa gente, mas eles a nós (ANZALDÚA, 2012), porque as violências sempre deixam marcas, visíveis e invisíveis, em nossa carne e em nosso corpo, mas é preciso se esquivar do embrutecimento e construir processos de autocuidado (MOMBAÇA, 2016), disputar as narrativas construídas sobre nós agora e o mundo que está por vir. Construímos nossos espaços de sobrevivência, respiro, dignidade e alegria porque a margem

é também o lugar da possibilidade radical, um espaço de resistência. Essa marginalidade é o que eu nomeei como um lugar central para a produção de um discurso contrahegemônico que não se encontra apenas nas palavras, mas nos hábitos e modos de ser e de viver. Como tal, eu não estava falando de uma marginalidade que se deseja perder – desistir ou se render, como uma forma de mover-se para o centro – mas sim de um lugar onde se pode ficar, ao qual se apegar, porque isso alimenta nossa capacidade de resistir. Porque oferece a possibilidade de uma perspectiva radical a partir da qual se pode ver e criar, imaginar alternativas, novos mundos. (HOOKS, 1990, p. 10)

Um livro sobre o amor sapatão é, então, sobre o direito à memória. Sobre poder guardar fotografias em um álbum de família, sobre espalhar porta-retratos pela sala de casa. É sobre vermos as que vieram antes de nós em galerias de museus e em acervos fotográficos. Sobre exibirmos orgulhosas as histórias que se juntam na nossa experiência alegre e acolhedora com o amor, cotidianamente. Este livro e esse texto são sobre o profundo orgulho de ser sapatão. Sapatão porque o termo lésbica remete às mulheres brancas de classe média, remete à Safo e às moradoras da ilha de Lesbos e nós, nordestinas, não somos essas pessoas: nós somos sapatonas, sapatões, sapatatas, sapas, é disso

que nos xingam na rua e é disso que nos orgulhamos, ao mesmo tempo.

Escrevo pra vocês porque é preciso reconhecimento e negociação. Porque quero dizer que a ficção do patriarcado está ruindo e estamos, juntas, ainda que distantes, fabricando um mundo em que caminharemos sem medo, forjando nossos jeitos de ser e de amar, tecendo lugares em que não seja mais necessário pegar em armas nem guerrear dançando. E digo isso entendendo que a ficção é a cola que une os pedaços do mundo que conhecemos – e dos mundos que conseguirmos imaginar; que o poder é uma ficção instaurada que determina quais de nós merecemos, em maior ou menor medida, viver e morrer (MOMBAÇA, 2016). Estou aqui pra explodir com vocês o projeto medíocre que pensaram para nós. Estou aqui para perturbar o sono do patriarcado branco que me forjou branca e para dar meus braços pra que outras subam e pulem pra cima, porque cair é voar pra baixo, mas nosso destino é subir aos céus – não ao céu católico que nos expulsou e nos ameaça à condenação eterna, mas ao céu sapatão dissidente, em que nosso corpo pesa nada, nossa dor pesa nada e nossa vida é leveza e vento morno macio.

Um livro sobre o amor sapatão é para mim e para vocês, porque estive tão cansada durante tanto tempo dessa batalha infundável e agora entendo que triunfamos. Todo dia em que permanecemos vivas, triunfamos. Toda vez que levantamos a voz e não ficamos encerradas no silêncio que não nos salva de nada, que não nos protege de nada, triunfamos. Quando beijamos nossas companheiras na rua, quando andamos de mãos dadas, quando ampliamos fotos de viagem e quando construímos nossa memória, triunfamos.

Acredito que costurar memória é um jeito de trazer pra nós a maquinaria do poder. Porque ter ancestrais é um modo de ser mais forte. Honrar as sapatonas que viveram e morreram pra que eu estivesse agora anunciando que sou sapatão é uma forma de trazê-las comigo, de fazê-las vivas, ainda que de outro jeito. Castiel Vitorino<sup>4</sup> diz que, quando seu avô morreu se transfigurou em memória, coragem, fome e alimento (VITORINO, 2020): ela passou a ter vontade de comer jaca e peixe, as comidas preferidas do Sr. Benedito Brasileiro,

4 Castiel Vitorino é artista visual e psicóloga, travesti preta moradora da Fonte Grande, em Vitória-ES.



assim como nela fortaleceu-se a coragem de se dizer travesti. Assim desejo que as que morreram e viveram antes de mim habitem em meu corpo: como fome restitutiva e coragem de devolver as violências, como memória física, dançante, referência na fala e na escrita, alimento invisível pra seguir de pé. “Almas são memórias. Memórias não se descobrem, memórias se criam no ato cotidiano de querer não esquecer.” (VITORINO, 2020).

Não quero esquecer Luana Barbosa dos Reis e repito o nome dela para que lembremos: Luana Barbosa dos Reis, sapatão caminhoneira, mulher negra e mãe. Luana Barbosa dos Reis, viva na memória de todas nós que seguimos lembrando que ela existiu e existe, que reace e reasce cada vez que dizemos que ela foi corpo encarnado, amou, viveu, se alegrou e dançou, e dança agora, comigo e com quem puder dizer seu nome três vezes enquanto pensa um futuro e um presente mais bonitos pra nossa existência. Imorrível, porque “nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras” (MOMBAÇA, 2017, p. 1/3). Imorrível porque agora seu nome é dito, porque a memória de sua vida reverbera em nossos corpos sapatões.

### 3. Semente é memória e possibilidade de fruto

Lauren Oyá Olamina é uma menina de 15 anos que, após ver sua família ser destruída e sua comunidade dizimada, no mundo pós-apocalíptico d’A parábola do semeador, ficção científica de Octávia Butler, se lança em uma jornada pelos Estados Unidos, unindo-se a desconhecidos durante o percurso em busca de um lugar para viver. Ela sofre da condição de hiperempatia, que acomete algumas pessoas cujas mães foram usuárias de uma droga específica durante a gravidez. Ser uma hiperempata faz com que ela sinta fisicamente a dor e o prazer dos outros ao seu redor, caso olhe demais ou se aproxime demais desses outros – e quando digo isso me refiro ao fato de que, ao ver alguém ser baleado, por exemplo, ela também vai ao chão e sente na carne de seu corpo a dor do tiro. Quando o bairro em que vive é atacado, sua família desaparece e tudo o que ela conhece se desmantela, Lauren usa roupas masculinas em sua jornada a pé pelo país. Ela sabe que conhecer suas fragilidades – ser uma menina de 15 anos e uma hiperempata – é o primeiro passo para sobreviver a elas; sabe que compreender o que pode fazê-la alvo é um jeito de tornar força suas supostas fraquezas.

Escrevo esse texto e elaboro esse livro, então, também para dizer que precisamos saber do que nos torna fortes e frágeis nessa linha limítrofe em que caminhamos, nós que somos estrangeiras em todo lugar. É essa a característica de nossos corpos fronteiriços: não pertencemos a lugar algum. Somos monstros aberrantes. Sapatonas, mulheres-macho, machudas, sapas, fanchas, bolachas, sapatões, lésbicas, amigadas – e quanto mais palavras há em uma língua pra dizer de algo, mas esse algo é de ocupação da cultura que pratica essa língua. Essa é a nossa força e a nossa fragilidade. Por isso nos matam na rua, mas também por isso nos reconhecemos e fundamos nossas comunidades, nossas famílias.

Foi por ser sapatão que fui expulsa de casa, mas foi por ser sapatão que fui admitida no curso de doutorado. Foi por ser sapatão que levei uma pedrada em uma praça de Fortaleza, e foi por esse mesmo motivo que me levantei e persegui meu agressor e joguei nele pedras, galhos de árvore, meus chinelos e tudo mais que tinha nas mãos e ao meu redor. Foi por ser sapatão que aprendi a brigar na rua, a me defender, a gritar mais alto que qualquer homem cis branco; foi sendo sapatão que aprendi que odiar os homens não é suficiente, porque é preciso antes de tudo diferenciá-los, e os homens negros têm sido mortos pelo patriarcado branco e seu exercício necropolítico, os homens brancos, eles próprios, produtos e produtores das tecnologias de morte que nos atingem.

Lauren Olamina caminha atravessando os Estados Unidos e funda uma comunidade chamada Sementes da Terra. As sementes são as pessoas que conseguiram sobreviver e formam uma comunidade multirracial, que trabalha para tornar seu grupo mais abundante, que recebe os que decidem juntar-se e permanecer, que respeita a polifonia de sua estrutura e a diversidade de seus membros, que acredita que “Deus é mudança”.

Escrevo, então, também pra dizer que nós, sapatonas, talvez sejamos sementes da terra. Lauren escreve: “Para ressurgir das próprias cinzas, uma fênix deve primeiro queimar.” (BUTLER, 2018, p.188) Eu queimei bastante e acredito que vocês também. Sei do ardor que acompanha a queimadura. Sei da pele enrugada tentando se regenerar. Sei que ela fica fina e sensível quando é nova. Mas nesse processo descobri a minha queleide, o meu excesso de cicatrização. Então o que era queimadura virou cicatriz e eu agora ostento uma pele ainda mais grossa, mais capaz de me proteger, menos susceptível ao fogo.

Para se tornar fênix é preciso primeiro queimar e sabemos, agora, que o fogo não nos mata enquanto nos consome. Ele nos fortalece. Na combustão descobrimos que podemos manipular combustível e comburente, e que seguir queimando também é jeito de tacar fogo em tudo – cearenses falam assim: tacar fogo.

Um livro sobre o amor sapatão é, sobretudo, uma celebração. Somos sapatonas, subalternas, dissidentes, e para algumas estudiosas, sequer mulheres, e que sorte a nossa tudo isso. Assim nos encontramos, assim chegamos até aqui, assim aprendemos sobre as tantas possibilidades de ficar e brigar, de fugir e brigar, de estar em paz ainda que em guerra. Assim estruturamos nossas vidas, reunimos nossos fragmentos históricos, nossas memórias com as nossas, construímos os lares que habitamos com nossas companheiras, adotamos animais – tão da rua quanto nós. Quando tentaram roubar-nos a vida, roubamos deles as armas e as apontamos de volta, engatilhadas. Ninguém nos aprisiona. Cada lufada de ar que sopra no rosto de uma de nós é vento sacudindo toda a estrutura podre, que há de cair. Somos o desvio que chegou aonde deveria.

Eu amo ser sapatão. E amo poder falar pra outras sapatonas. Obrigada por me fazerem quem eu sou. Sempre que sorrio, sorrio pra vocês.

## Referências

ANZALDÚA, Gloria. Borderlands/La frontera: the new mestiza. Disponível em: [https://enriquedussel.com/txt/Textos\\_200\\_Obras/Giro\\_descolonizador/Frontera-Gloria\\_Anzaldua.pdf](https://enriquedussel.com/txt/Textos_200_Obras/Giro_descolonizador/Frontera-Gloria_Anzaldua.pdf) Acesso em 04 de setembro de 2019.

\_\_\_\_\_. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Trad. Édina de Marco. Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

\_\_\_\_\_. La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n3/a15v13n3.pdf>. Acesso em 10 de julho de 2019.

BRASILEIRO. Castiel Vitorino. Exú Tranca-Rua das Almas. Disponível em <https://ehcho.org/conteudo/exutranca ruadasalmas>. Acesso em 05

de outubro de 2020. BUTLER, Octávia Estelle. A parábola do sementeiro. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

\_\_\_\_\_. A parábola dos talentos. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

HARAWAY, Danna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T (org) Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.

HOOKS, B. Vivendo de amor. In: WERNECK, J. O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000. p. 197.

\_\_\_\_\_. Intelectuais negras. Revista Estudos Feministas, v. 3, n. 2, p. 464, 2008.

\_\_\_\_\_. E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

\_\_\_\_\_. A margem como um espaço de abertura radical. Disponível em <https://narraracidade.files.wordpress.com/2019/03/a-hooks-bell.-escolher-a-margem-como-um-espaccca7o-de-abertura-radical.pdf>. Acesso em 10 de outubro de 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Pode um cu mestiço falar? Disponível em <https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed-9c61ee>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

\_\_\_\_\_. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência! Disponível em [https://issuu.com/amilcar-packer/docs/rumo\\_a\\_uma\\_redistribuic\\_a\\_o\\_da\\_vi](https://issuu.com/amilcar-packer/docs/rumo_a_uma_redistribuic_a_o_da_vi). Acesso em 10 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. Rastros de uma submetodologia indisciplinada. Concinnitas, ano 17, volume 01, 2016.

\_\_\_\_\_. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, pág 20-25, 2017.

OLIVEIRA, Marília. Um livro sobre o amor sapatão. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica & Outros ensaios. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2019.

SALU, Diana. Cartas para ninguém. 2ª ed. Brasília (DF): Padê Editorial, 2019. SAUNDERS, Tanya. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. Tradução de Sarah Rynne Sukerman Sanches. Periódicus, v. 1, n. 7, p. 102-116, 2017.

SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra R. G. Almeida; Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WITTING, Monique. Ninguém nasce mulher. Disponível em <https://we.riseup.net/sapafem/ningu%C3%A9m-nasce-mulher-monique-witting>. Acesso em 13 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. A mente hetero. Disponível em [https://www.academia.edu/7842820/Monique\\_Wittig\\_A\\_Mente\\_Hetero](https://www.academia.edu/7842820/Monique_Wittig_A_Mente_Hetero). Acesso em 13 de novembro de 2020.

\_\_\_\_\_. O corpo lésbico. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2019.